



Revista de Gestão e Secretariado
E-ISSN: 2178-9010
gestoreditorial@revistagesec.org.br
Sindicato das Secretárias(os) do Estado
de São Paulo
Brasil

Zanon, Marilena
OS MANUAIS DE CORRESPONDÊNCIAS COMERCIAIS (1950-2000): UMA
INTERPRETAÇÃO À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA
Revista de Gestão e Secretariado, vol. 1, núm. 1, enero-junio, 2010
Sindicato das Secretárias(os) do Estado de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=435641685008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re²alyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



**OS MANUAIS DE CORRESPONDÊNCIAS COMERCIAIS (1950-2000):
UMA INTERPRETAÇÃO À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**

**BUSINESS CORRESPONDENCE MANUALS (1950-2000): AN ENTIRE
COMPREHENSION UPON LINGUISTIC HISTORIOGRAPHY**

Marilena Zanon

Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Coordenadora do Curso de Secretariado Executivo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

marilenazanon@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho nasceu de inquietações profissionais, no que tange à linguagem rebuscada e artificial, utilizada nas comunicações escritas, das empresas, principalmente, naquelas onde trabalhei. Buscava sempre a resposta para o meu questionamento, em situações normais de trabalho e, até mesmo, em situações conflitantes em que a correspondência apresentava tratamento exageradamente cortês e artificial. Com o objetivo de circunscrever essa linguagem, analisamos esses aspectos em Manuais de Cartas Comerciais produzidos no Brasil - no eixo Rio-São Paulo - no período de 1950 a 2000 (um de cada década). Por seu ineditismo, consideramos apropriado o tema escolhido, *Estudo dos Manuais de Correspondências Comerciais (1950-2000): Uma interpretação à luz da Historiografia Lingüística*, para a finalidade desta pesquisa, no nível de doutoramento. Tivemos como ponto de partida, o objetivo geral: verificar em que medida os Manuais de Correspondências Comerciais influenciaram os profissionais e contribuíram para a elaboração de textos específicos, no âmbito empresarial, no período compreendido entre 1950-2000. Concluímos que os Manuais analisados, reproduziram a norma-padrão da Língua Portuguesa, foram muito úteis a inúmeros profissionais dos mais diferentes segmentos da sociedade, apesar da ausência de procedimentos metodológicos e explicações consistentes sobre a apresentação do modelo, bem como de bibliografia que desse fundamentação e transparência à obra.

Palavras-chave: Historiografia Lingüística. Língua Portuguesa. Correspondência Comercial. Secretariado.

ABSTRACT

This work originated in my professional worries concerning the highly polished and artificial language utilized in the written communication of the corporations, mainly, in those I have worked for. I was always in search of an answer for my questioning in normal working and conflicting situations, in which the correspondence presented an exaggerated, courteous and artificial treatment. Aiming at circumscribing such language we have analyzed these aspects in *Manuals of Commercial Letters* produced in Brazil – in the São Paulo/Rio de Janeiro regions –in 1950 through 2000 period (one of each decade). We considered the elected theme *Study of Manuals of Commercial Correspondences (1950-2000): An interpretation in light of the Linguistic Historiography* appropriate for the purpose of this research at doctorate degree, in view of its originality. We have elected the general objective, as our starting point: to verify up to what extent the *Manuals of Commercial correspondences* have influenced the professionals and contributed for the elaboration of specific texts within the corporate context, in the period of 1950-2000. We have concluded that the analyzed Manuals reproduced the standard-norm of the Portuguese Language, were quite useful for a countless number of professionals belonging to the most different segments of the society, in spite of the lack of methodological procedures and consistent explanations about the introduction of the model, as well as of the bibliography to provide support and transparency to the works.

Keywords: Historiography Linguistics. Portuguese Language. Business Correspondence. Secretariat.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho coloca-se no âmbito da Historiografia Lingüística sobre a elaboração de *Manuais de Correspondências Comerciais*, no Brasil da segunda metade do século XX e busca uma contribuição para os estudos que abordam esse tipo de documento. O objetivo foi o de examinarmos como esses Manuais, num dado clima de opinião, influenciaram e contribuíram para a categoria profissional e respectivos órgãos de classe. A partir de nossa reflexão, constatamos que esta investigação justifica-se no sentido de explicitar o porquê da existência desses Manuais, até que ponto os autores estavam comprometidos com a Língua Portuguesa, norma culta, levando em conta os momentos político, ideológico, econômico, social e cultural, nos recortes temporais propostos.

Nossa pesquisa centrou-se nos postulados de Konrad Köerner e Pierre Swiggers, ambos europeus, estudiosos da década de setenta, que nos trouxeram pressupostos teóricos necessários para a pesquisa centrada na Historiografia Lingüística. Como o foco da nossa pesquisa é a Correspondência Técnica utilizada em empresas, cujo material de apoio são os Manuais, sentimos a necessidade de uma teoria da Comunicação Organizacional. Para tanto, baseamo-nos, nos postulados de Gaudêncio Torquato, embora outros nomes de estudiosos da Comunicação estejam também presentes na pesquisa.

Dessa maneira, as fontes documentais primárias que serviram de *corpus* para análise foram constituídas e selecionadas por escolha pessoal entre os manuais disponíveis, após acurada pesquisa. A hierarquia utilizada segue a ordem de apresentação, obedecendo à cronologia da sua origem, a saber:

1952: O correspondente comercial, de Álvaro Franco Ribeiro;

1969: Novíssimo Manual de Correspondência Comercial, de João Amêndola;

1978: Manual Prático de Cartas Comerciais, de L.E. Frailey

1987: Modelos de cartas comerciais; cartas às autoridades; memorandos, telegramas, de Fernando Diniz;

1998: Manual de Modelos de cartas comerciais, de Manuela M. Rodriguez.

Nosso problema de pesquisa nasceu de inquietações profissionais, no que se referem à linguagem rebuscada e artificial, utilizada nas comunicações escritas, das empresas e à contribuição efetiva dos *Manuais de Correspondências Comerciais*, utilizados por executivos e secretários, por décadas. Examinamos em que aspectos

os Manuais atualizam a Língua Portuguesa em uso no Brasil e servem de subsídios para a redação técnica utilizada nas empresas.

A nossa hipótese é a de que os *Manuais de Correspondências Comerciais* reproduzem, há décadas, a norma padrão da Língua Portuguesa.

- Acreditamos que as obras relacionadas tenham sido as mais significativas, no eixo Rio-São Paulo e cremos que foram importantes para a nossa pesquisa. Assim, o presente trabalho tem por objetivo geral, fundamentalmente, examinar em que medida os Manuais de Correspondências Comerciais, a partir de seu estudo, influenciaram e contribuíram com os profissionais da área, no período compreendido entre 1950-2000.

O critério utilizado para a análise do *corpus* selecionado foi o do levantamento dos seguintes procedimentos metodológicos: **1)** apresentação da organização das obras do *corpus* e reflexões sobre as dimensões lingüísticas; **2)** estabelecimento de uma política de manutenção e preservação dos modelos antigos de correspondências comerciais; **3)** propósito metodológico dos autores das obras analisadas. Esses procedimentos nortearam a análise dos documentos e isso só foi possível após leitura, seleção, ordenação e comparação dos documentos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pensar a Historiografia Lingüística é, sem dúvida, pensar antes de tudo a Historiografia, propriamente dita. A história da Historiografia veio de tempos remotos, quando a narrativa dos acontecimentos políticos e militares era exposta como sendo a história dos grandes homens da época. Nos dias de hoje, o diálogo entre as ciências é a marca da produção de conhecimento científico. Essa postura, mais flexível, faz ruir a pretensão de verdade absoluta, construindo o que Köerner (1995) chama de “cadeia espiral de conhecimento”. Disso decorre que a ciência busca não mais leis imutáveis, infalíveis, absolutas; mas descrições, explicações, interpretações de condições, causas e conseqüências.

Nossa pesquisa centrou nos postulados da Historiografia Lingüística que se apresenta segundo Köerner (op.cit.: 13), como uma maneira de reescritura dos fatos da história da língua e que envolve questões de periodização, de contextualização e de identificação de diferentes fases de desenvolvimento em um quadro de trabalho particular ou em períodos de tempo mais amplos, e lida ainda

com questões relativas ao papel dos fatores externos na aceitação ou rejeição de um referencial teórico.

Assim, a HL constitui-se como ciência emergente no âmbito da Lingüística e não se confunde com a História da Lingüística e nem com a História das Idéias Lingüísticas, embora essas áreas de conhecimento estejam estreitamente interligadas. A HL parte do princípio de que a língua, enquanto processo histórico-cultural, em sua função de interação social, como processo e produto da atividade histórica do homem torna-se simultaneamente veículo e expressão de dados socioculturais que pressupõem um olhar histórico. Ao resgatar o passado por meio de documentos da época

a HL permite-nos sistematizar lingüisticamente os dados do passado, tornando-os memória, ao mesmo tempo em que se abre ao homem para reconstituir no/pelo documento os fatos passados, impossíveis de reconstituição pelo processo de memorização. Isso posto, fica evidente que a HL visa a oferecer um modelo teórico que dê conta de descrever e explicar o lingüístico e o histórico organizados no documento...É importante afirmar que, pela HL, de modo particular, por sua atitude multidisciplinar e por sua preocupação hermenêutica, podemos identificar, no documento, as pistas que podem revelar melhor a sociedade, o homem e a língua. (NASCIMENTO, 2005 p. 15-16).

Concordamos com Nascimento, ao afirmar que a adoção da inter e multidisciplinaridade é capaz de descrever, explicar e interpretar a articulação lingüística, trazendo novas perspectivas de estudos aos pesquisadores e constituem fatores determinantes para a consolidação da HL que se tornou um campo maduro de esforço acadêmico devido ao interesse de pesquisadores no assunto, principalmente, a partir da *Primeira Conferência Internacional sobre a História das Ciências da Linguagem*, ocorrida no Canadá, em 1978. Portanto, o comportamento interdisciplinar torna-se fundamental para uma pesquisa historiográfica, visando a gerar novos conhecimentos.

Köerner, juntamente com Pierre Swiggers, ambos europeus, estudiosos da década de 70, do século XX, lançaram vários trabalhos trazendo-nos os pressupostos teóricos necessários para pesquisa centrada na HL, cujo foco inicial está no escrever a história do estudo da linguagem, especialmente dos estudos lingüísticos, como podemos verificar em sua obra "*Concise History of the Language Sciences: from the Sumerians to the Cognitivists*" (1976), Köerner sugere os três seguintes princípios, os quais, reconhecidamente, vão além da questão da metalinguagem: o primeiro, diz respeito ao estabelecimento do 'clima de opinião'

geral, da época em questão, pois as idéias lingüísticas nunca se desenvolvem independentemente de outras correntes intelectuais. Algumas vezes, a influência da situação sócio-econômica e mesmo política deve, também, ser levada em consideração. Essa primeira orientação pode ser chamada de 'princípio da contextualização'.

O estabelecimento do 'clima de opinião' do período em que o fato analisado ocorreu, reforçando a tese de que *Linguistic ideas have never developed independently of other intelectual currents of the time* (op.cit.:13), leva-nos a perceber que o espírito da época sempre deixou suas marcas no pensamento lingüístico. O próximo passo que o historiógrafo da língua deve dar consiste no esforço para se estabelecer um completo entendimento, ambos, histórico e crítico, talvez mesmo filosófico do documento em questão.

A estrutura geral da pesquisa, bem como da terminologia utilizada no texto, precisa ser definida internamente e não com referência à moderna doutrina lingüística. Esse passo pode ser chamado de 'princípio de imanência.' O estabelecimento de um entendimento completo, histórico, crítico e filosófico, do documento em questão, abstraindo-se, o máximo possível, do conhecimento lingüístico do pesquisador e dos comprometimentos lingüísticos atuais, para que a estrutura geral da teoria sob pesquisa e a terminologia utilizada no texto sejam definidas internamente e não com referência à moderna doutrina lingüística, com relação a esse segundo princípio.

O terceiro princípio só deverá ser utilizado depois que os dois primeiros forem devidamente cumpridos, pois o historiógrafo tem, nesse momento, condições de se aventurar a fazer aproximações modernas do vocabulário técnico do texto visando a uma análise sem distorções de suas idéias e intenções. Somente depois que os dois primeiros princípios tiverem sido seguidos, de modo que um dado pronunciamento lingüístico tenha sido entendido dentro de seu contexto histórico original, é que o historiógrafo pode se aventurar a introduzir aproximações do vocabulário técnico e estrutura conceitual apresentada na obra em questão. Esse último passo Köerner chama de 'princípio da adequação teórica.' Para este estudioso, o historiógrafo precisa alertar o leitor para o fato de as aproximações terminológicas terem sido introduzidas; em outras palavras, o que está sendo realmente feito, tem de ficar explícito e claro.

Se somente esses três princípios, isto é, contextualização histórica e

intelectual, análise do texto em seu contexto de produção e uma clara identificação das ferramentas utilizadas forem adequadamente levados em consideração, é esperado que distorções de idéias e intenções de lingüistas, filósofos da linguagem ou gramáticos do passado sejam evitadas.

Nascimento (2005:23) complementa que a proposta de operacionalização desses três princípios, postulados por Köerner, determina um conjunto de passos metodológicos para a HL. O requisito básico dessa metodologia visando à análise de documentos dá a entender que o historiógrafo da língua precisa estar atento a todos os aspectos que possam levá-lo a um profundo entendimento do seu conteúdo.

Visto que nossa pesquisa centrou-se nos fundamentos da HL e que buscamos estabelecer as linhas da investigação; visto que várias leituras foram necessárias para traçar o percurso historiográfico do período recortado, fez-se necessária também, a pesquisa em autores brasileiros. Assim selecionamos a obra de Altman (1998) para complementar a nossa tese. Segundo esta autora, fora do Brasil, a HL tem seu campo definido como ciência há quase três décadas, tendo a França como seu país de origem, e uma estreita ligação com a História, desenvolvendo-se e ganhando prestígio e sustentação até em outros centros de pesquisa do mundo; enquanto que, em território brasileiro, sua institucionalização é mais recente, datando de 1994. Altman (op.cit.:24) afirma que

A atividade historiográfica que ambiciona compreender os movimentos em história da ciência presume, inevitavelmente, uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo. Não se trata, pois de incluir quaisquer fatos passados, só por serem passados. Deste ponto de vista, arbitrariedade do investigador que seleciona nomes, fatos e datas encontra seu limite na consciência e na coerência da rede de relações estabelecida entre eles.

Assim, consideramos que a tarefa do historiador e do historiógrafo não pode ser a mesma: ao primeiro cabem as investigações que o levarão à descrição do processo; ao segundo, cabe a tarefa de trazer descobertas empíricas para interpretá-las e oferecer explicação adequada a cada fato. Se a História dá conta da narrativa dos acontecimentos, a Historiografia, por sua vez, registra os acontecimentos sem problematizá-los e sim interpretá-los à luz do clima de opinião, do contexto da época.

2.1 EM BUSCA DE UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

Depois da perspectiva teórica sobre Historiografia Linguística, passamos a expor uma teoria da comunicação, por considerá-la fundamental para o nosso trabalho, já que a comunicação torna-se cada dia mais necessário, nas formas de relação da sociedade, inclusive dentro das empresas. Novas tecnologias permitem maior abrangência nas informações, rompendo os limites do tempo, do espaço e até mesmo de valores culturais. Os processos comunicacionais sempre apresentaram evolução paralela àquela desenvolvida pelo homem, nos mais diferentes ambientes ou períodos históricos. Não há como desmembrar a forma de vida humana, das práticas e formas de ele se comunicar.

Este item tem início com uma explanação teórica que descreve a comunicação, o aprendizado, seus conceitos e principais implicações para o ambiente organizacional.

Torquato (1991) considera que nos dias de hoje, de maneira mais ágil e tecnológica do que em outros tempos, as invenções humanas continuam a aperfeiçoar as técnicas de comunicação, inclusive no ambiente interno das organizações, principalmente, com as inovações disponibilizadas, em matéria de informação.

Considera-se, portanto, que a comunicação interna, atualmente, tem sido de fundamental importância nas organizações. A complexidade do ambiente e as pressões próprias do mercado criam a necessidade de uma organização cujos membros estejam altamente conectados e, de fato, criando seu futuro, por meio do compartilhamento de comunicação e expansão do conhecimento (Sinkula, Barker (1998) enfatiza que a aprendizagem organizacional pode ser desenvolvida por meio do enriquecimento das relações que são criadas pela comunicação. Além de explorar a importância que o referido autor atribui à comunicação, este estudo utilizará, também, o conceito adotado por ele sobre a efetividade da comunicação: “aquela onde os funcionários da organização colaboram, interagem e comprometem-se, junto aos outros, buscando entender a importância deste compromisso” (Pace, Faules, 1989, apud Barker, 1998, p. 444).

2.2 A COMUNICAÇÃO ESCRITA NAS ORGANIZAÇÕES

São vários os Manuais que tratam de redação. Alguns, seguindo a retórica antiga, são ambíguos, dificultando, mais que facilitando a aprendizagem. Outros, mesmo que revestidos de roupagem nova, com requintes de técnicas de editoração e impressão, sufocam a criatividade do estudante, com um sem-número de exercícios pouco aproveitáveis. A educação moderna tem-se caracterizado, em nome de uma pedagogia dita avançada, pelo esvaziamento do ensino, do conteúdo, dos conceitos, da teoria e da reflexão. Essa postura acaba refletindo no estudante que ingressa no mercado de trabalho com deficiências de escrita. Otaviano Pereira (1982:10-1) adverte:

Após o movimento da Escola Nova (décadas de 50 e 60) que introduziu novos métodos didáticos em salas de aula e, principalmente, após o golpe de 64 que esvaziou por completo não só o conteúdo como também o lado crítico das disciplinas, nossas práticas de ensino foram reduzidas a certo 'malabarismo pedagógico'. Além do mais, percebe-se de modo crescente em nossa geração jovem certa 'política do prazer' interferindo negativamente no processo educacional. Interessante notar aí que tudo o que exige um pouco mais de esforço é simplesmente encarado como antídídático, antiprodutivo, cansativo ou qualquer outro adjetivo que nos ajude a tirar o corpo do sério."

O que é, então, escrever bem? À primeira vista, a resposta não nos parece difícil. Será que escrever bem é obedecer às regras gramaticais, evitando erros de sintaxe, pontuação e ortografia? Procurar clareza, ao não utilizar palavras e frases obscuras ou de duplo sentido? Agradar o leitor, empregando expressões elegantes e fugindo de um estilo muito rígido? Estas são falhas que, certamente, precisam ser evitadas, mas o processo de escrita é um pouco mais complexo. Blikstein (2005) no fornece alguns princípios sobre comunicação escrita:

- 1) Toda comunicação escrita deve gerar uma resposta a a determinada idéia ou necessidade que temos em mente;
- 2) A comunicação escrita será correta e eficaz, se produzir uma resposta igualmente coerente;
- 3) A resposta correta é a que esperamos, isto é, aquela que corresponde à idéia ou necessidade, que temos em mente;
- 4) Para avaliarmos a correção e a eficácia de uma comunicação escrita, temos de verificar, sempre, se:
 - a) houve uma resposta;

b) a resposta corresponde à idéia ou necessidade que queremos passar ao leitor.

De acordo com Blikstein (2005), a partir desses princípios, o leitor pode concluir que não adianta escrever bonito, obedecendo somente às regras gramaticais. Considerando as diferenças de organização mental, de indivíduo para indivíduo, observa-se que o pensamento não pode ser captado por outras pessoas. Deve-se, portanto, transmitir com exatidão o que se quer passar para o pensamento do outro, sob pena de ninguém saber o que se passa em nossa mente e quais seriam nossas idéias, desejos, necessidades, projetos etc.

O autor defende a tese de que a comunicação escrita está apoiada no tripé: **comunicação escrita eficaz = tornar o pensamento comum → produzir resposta → persuadir**. Na prática, entretanto, haverá sempre interferências que poderão abalar um dos pés ou o tripé inteiro, prejudicando a produção da resposta esperada ou desejada. As interferências podem ser da mais diversa ordem:

a) interferência física: dificuldade visual, má grafia de palavras, cansaço e falta de iluminação, dentre outros aspectos;

b) interferência cultural: palavras ou frases complicadas ou ambíguas e diferenças de nível social;

c) interferência psicológica: agressividade, aspereza e antipatia;

Em toda comunicação, seja ela verbal ou escrita, é importante considerar a experiência que cada um traz consigo. Todo indivíduo tem sua história de vida, educação, família, freqüentou escolas, clubes e igrejas, viajou, se casou, leu, conheceu pessoas, trabalhou em diferentes empresas e lugares, assistiu a filmes, peças teatrais ou programas na televisão, ouviu rádio, discos, gostou de certos alimentos e detestou outros etc. A partir dessa diversificada experiência, cada um de nós adquire conhecimentos e referências históricas, geográficas, afetivas, profissionais, artísticas, científicas, místicas e religiosas, dentre outras. Forma-se dentro de nós, uma complicada e vasta rede de referências, valores e conhecimentos.

Blikstein (2005: 52) chama essa rede de “bagagem” cultural ou repertório. O repertório vem a ser, portanto, toda uma rede de referências, valores e conhecimentos históricos, afetivos, culturais, religiosos, profissionais e científicos. Para esse estudioso,

essas referências, valores e conhecimentos mudam de indivíduo para indivíduo e de comunidade para comunidade. Assim, para um paulistano, que vive boa parte de sua vida sob um céu chuvoso e encoberto, a referência a *céu azul* pode despertar sensações bem agradáveis; para um habitante da caatinga nordestina, assolada pela seca, a expressão *céu azul* pode representar uma trágica referência, pois estará indicando ausência de chuva.

Como se observa, referências e conhecimentos diversos levam, naturalmente, a repertórios diferentes e, conseqüentemente, a um modo diverso de percebermos o mundo, as pessoas e os acontecimentos. Repertórios diferentes levam a distintas percepções e visões de mundo. A partir dessas diferenças de percepção, ruídos começam a infiltrar-se na comunicação, emperrando o seu mecanismo.

Resgatando os pressupostos teóricos de Köerner, o estabelecimento do “clima de opinião” geral, da época em questão é condição *sine qua non* para uma análise historiográfica que atenda às necessidades e contribua para a comunidade acadêmica, bem como para os demais fins a que ela se propõe.

3 METODOLOGIA

Cumprimos os procedimentos metodológicos da Historiografia Lingüística, de acordo com Koerner e Swiggers, que ressaltam cinco pontos fundamentais: 1) Princípios básicos: o da **contextualização**, diz respeito ao ‘clima de opinião’ geral, da época em questão. As variadas correntes – filosóficas, políticas, econômicas, científicas e artísticas – ao se interinfluenciarem, marcam todo um período histórico; o da **imanência**, diz respeito ao esforço do historiógrafo de entender o texto lingüístico produzido no período enfocado de forma completa, histórica e criticamente; o da **adequação**, relaciona-se com a obediência aos dois primeiros. Diz respeito ao momento de o historiógrafo, de forma implícita, aventurar-se a introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e a construir um quadro conceitual de trabalho que permita; 2) Passos investigativos, que abrangeram 4 momentos: seleção, ordenação, reconstrução e interpretação. No primeiro passo, fizemos a seleção das obras a serem estudadas, dentre todas as pesquisadas, elegendo as mais representativas. Em segundo lugar, imprimimos uma ordem cronológica, uma vez que pretendíamos estabelecer um percurso dos Manuais de Correspondência Comercial. Em seguida, buscamos reconstruir o conhecimento lingüístico dos vários recortes temporais considerados, baseando-nos, por fim, na

interpretação crítica do processo dessa produção contextualizada a partir do clima de opinião delineado.

Além dos princípios e dos passos investigativos, um terceiro ponto se impôs na condução metodológica do trabalho: a questão das fontes primárias e secundárias. Um quarto ponto ainda foi considerado em nosso trabalho: as dimensões cognitiva e social. Finalmente, o último ponto: os critérios de análise. Detectam-se aqui as categorias que, entre outros requisitos, imprimem cientificidade a um trabalho.

O estabelecimento do 'clima de opinião' do período em que o fato analisado ocorreu, reforçando a tese de que *Linguistic ideas have never developed independently of other intellectual currents of the time* (op.cit.:13), leva-nos a perceber que o espírito da época sempre deixou suas marcas no pensamento lingüístico. O próximo passo que o historiógrafo da língua deve dar consiste no esforço para se estabelecer um completo entendimento, ambos, histórico e crítico, talvez mesmo filosófico do documento em questão.

A estrutura geral da pesquisa, bem como da terminologia utilizada no texto, precisa ser definida internamente e não com referência à moderna doutrina lingüística. Esse passo pode ser chamado de 'princípio de imanência.' O estabelecimento de um entendimento completo, histórico, crítico e filosófico, do documento em questão, abstraindo-se, o máximo possível, do conhecimento lingüístico do pesquisador e dos comprometimentos lingüísticos atuais, para que a estrutura geral da teoria sob pesquisa e a terminologia utilizada no texto sejam definidas internamente e não com referência à moderna doutrina lingüística, com relação a esse segundo princípio.

O terceiro princípio só deverá ser utilizado depois que os dois primeiros forem devidamente cumpridos, pois o historiógrafo tem, nesse momento, condições de se aventurar a fazer aproximações modernas do vocabulário técnico do texto visando a uma análise sem distorções de suas idéias e intenções. Somente depois que os dois primeiros princípios tiverem sido seguidos, de modo que um dado pronunciamento lingüístico tenha sido entendido dentro de seu contexto histórico original, é que o historiógrafo pode se aventurar a introduzir aproximações do vocabulário técnico e estrutura conceitual apresentada na obra em questão. Esse último passo Köerner chama de 'princípio da adequação teórica.' Para este estudioso, o historiógrafo precisa alertar o leitor para o fato de as aproximações

terminológicas terem sido introduzidas; em outras palavras, o que está sendo realmente feito, tem de ficar explícito e claro.

Se somente esses três princípios, isto é, contextualização histórica e intelectual, análise do texto em seu contexto de produção e uma clara identificação das ferramentas utilizadas forem adequadamente levados em consideração, é esperado que distorções de idéias e intenções de lingüistas, filósofos da linguagem ou gramáticos do passado sejam evitadas.

Ao propor esses princípios Köerner não está desconsiderando que haja outros interesses legítimos em teorias passadas. Ele cita, como exemplo, a obra dos *Modistae* do período medieval, e assume que não teria argumento com alguém interessado em estudar a referida obra, porque os pesquisadores que se debruçaram nela podem ter sido os primeiros a conferir um *status* teórico à gramática e porque *a gramática especulativa deles parece satisfazer a moderna exigência de adequação explanatória*, pelo menos desde que não seja apresentado como história. Köerner se diz aliviado - e demonstra isso em seu texto - em fazer tal afirmação por estar seguro que *a necessária reserva metodológica não é para identificar as definições antigas com as modernas, mas apenas para considerar a significativa afinidade destacando ambas as definições*" (Köerner, *op.cit.*:32).

4 RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Abordamos os *Manuais de Correspondências Empresariais* editados na segunda metade do século XX, tomando-os, a partir do ponto de vista lingüístico, em perspectiva histórica, crítica e filosófica, como orienta K. Köerner a respeito do princípio de imanência. A análise da língua materializada nos Manuais exige a abordagem de alguns aspectos lingüísticos que vigoravam no clima intelectual da época. Nesse sentido, é que tratamos, no capítulo anterior, dos estudos sobre a Língua Portuguesa, no Brasil, na segunda metade do século XX.

A partir disso, mostramos os *Manuais de Correspondências Comerciais* como documento lingüístico, que permite a apreensão do estado em que se encontrava a Língua Portuguesa em uso no Brasil. Diferentemente do que se pode esperar, o Português que os Manuais revelam apresenta mais continuidade do que descontinuidade lingüística, em relação à norma padrão. Para a interpretação e reconstrução desses documentos, a leitura foi realizada a partir do levantamento dos seguintes procedimentos, após seleção e ordenação dos elementos das fontes

primárias e secundárias, em que apresentamos a síntese analítica dos resultados:

- a) apresentação da organização das obras do *corpus* e reflexões sobre as dimensões linguísticas;
- b) estabelecimento de política de manutenção e preservação dos modelos antigos de correspondências comerciais;
- c) propósito metodológico dos autores.

O *corpus* compõe-se de 5 (cinco) obras, responsáveis pelo fornecimento dos dados para a análise linguística, cujos procedimentos que as balizarão serão considerados, em cada uma delas. A justificativa para a classificação dessas obras como base do nosso trabalho é sua correspondência imediata com o critério adotado e exposto na introdução desta pesquisa, em que se apresenta o contexto no qual se insere a produção de *Manuais de Correspondências Comerciais*, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, com repercussão em diversas outras cidades brasileiras. Nosso recorte privilegiou uma obra de cada década, produzida no século XX, entre 1950 e 2000, justamente as que podem ser classificadas como *Manuais de Cartas Comerciais*, assim denominadas por seus autores:

Título	Autor	Ano Publicação
O correspondente comercial: 300 cartas e circulares comerciais abrangendo todos os assuntos de rotina dum escritório.	Álvaro Franco Ribeiro	1952
Novíssimo Manual de Correspondência Comercial, seguido de inúmeras noções úteis ao funcionário de escritório e a toda categoria de pessoas.	João Amêndola	1969
Manual Prático de Cartas Comerciais.	L. E. Frailey	1978
Modelos de Cartas Comerciais; Cartas às Autoridades; Memorandos; Telegramas.	Fernando Diniz	1987
Manual de Modelos de Cartas Comerciais.	Manuela M. Rodriguez	1998

Analisamos cada uma das obras acima mencionadas levando em conta os 3 (três) procedimentos definidos nesta pesquisa (neste artigo, estão apenas a primeira e quinta obras). Para tanto, é necessária uma análise acurada da

organização interna e de alguns aspectos lingüísticos vigentes no clima intelectual da época. É importante ressaltar que, com o advento da pós-modernidade, o saber científico ficou bastante fragmentado, passando a apresentar várias subdivisões, dentro de muitas ciências. Esse processo vem se estendendo, desde o início do século XX, tendo se acentuado após a década de cinquenta. Dessa forma, torna-se difícil dizer o que é científico e o que não é devido às diversas visões do que seja ciência e às variadas formas de se analisar um mesmo objeto. Assim, observa-se que, na década de cinquenta, quando do surgimento da obra de Ribeiro, a abordagem lingüística vigente era a Estrutural, que conceituava Língua (Bell, 1981: 93)

como um sistema manifestado principalmente na fala de uma nação homogênea. Gravações dos sons da língua e suas transcrições constituíam o material básico para a aprendizagem da língua; estas seriam segmentadas progressivamente em unidades cada vez menores. O paralelo com a ciência física da época pode ser claramente estabelecido: um 'objeto' sendo 'cortado' em 'partes' cada vez menores até chegar ao último deles – o átomo.

Primeira obra: *O Correspondente Comercial: 300 cartas e circulares comerciais abrangendo todos os assuntos de rotina dum escritório*, de Álvaro Franco Ribeiro (1952).

O livro é composto por 422 páginas e dividido em duas grandes partes: a primeira, sem título, traz 50 modelos de correspondências. Dentre eles: **a)** Várias formas de se iniciar cartas comerciais; **b)** Várias formas de se terminar cartas; **c)** Cartas e Memorandos – Apresentação e suas respostas; **d)** Agradecendo as atenções dispensadas ao apresentado das cartas anteriores; **e)** Anunciando um pagamento; **f)** Pedidos diversos; **g)** Reclamações diversas, dentre outros; a segunda, traz 25 modelos de Circulares, com variados títulos, como: **a)** Aumento de capital; **b)** Aumento de preços; **c)** Comunicando instalação de nova secção; **d)** Convite para coquetel comemorativo; **e)** Entrada de novo gerente; **f)** Falecimento de sócio; **g)** Mudança de emprego, dentre outros.

Esta era a estrutura que se apresentava, à época da edição do livro, realidades, assuntos e formas diferentes das que observamos nos dias de hoje. Outro dado que a obra traz, nas primeiras páginas, logo após a capa, é uma lista de obras de Ribeiro, assim disposta:

OBRAS DO MESMO AUTOR:

Alma do Brasil – História e literatura brasileira

Gonçalves Dias – Romântico e Galante – Biografia

Curso de Gramática e Redação em Língua Portuguesa – sem mestre

O acusado – Romance

A sair brevemente:

Regras e educação social

Casamento por anúncio – Romance

No país das Rosas – Romance

O segredo de Anastácia – Romance

O que analisamos até aqui, encontra-se nas primeiras páginas da obra. Logo após, vê-se a Introdução, de cujo exame trataremos a seguir e a respeito da qual, assim se expressa o autor:

*O presente livro **visa** colocar ao alcance do público uma série de circulares e cartas comerciais, de tal modo redigidas e compiladas, que o leitor logo encontra o texto que deseja, dentre os imensos casos que constituem a correspondência **dum escritório comercial**.*

*Naturalmente, por vezes, um caso ou outro não deverá ser exposto nos termos exatos em que aqui se encontra, e isto, como é óbvio, por razões de **vária ordem**, tanto mais sendo impossível reunir todos os pormenores e particularidades em que devem inspirar-se algumas cartas muito especiais, por atenderem a circunstâncias de caráter específico.*

*Para esses casos, aliás, o leitor terá, pelo menos, **uma fonte de consulta para vencer certas dificuldades de entrosagem** ou de explanação, quando realmente não encontre, na íntegra, o teor da carta que deseja escrever.*

*Estamos certos de que este livro se **tornava** necessário, como complemento do "CURSO DE GRAMÁTICA E REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA", de nossa autoria, e como um indispensável instrumento de trabalho para todos aqueles que se dedicam, **nos escritórios**, à função de **correspondentes comerciais**, ou que pretendem especializar-se nesse **labor**.*

É possível notar na Introdução, a preocupação com a correção da língua e sua perfeição e também com a não contaminação, por influências estrangeiras. A preocupação com a não corrupção da língua está de acordo com o espírito contemporâneo da época. Ressalte-se que, no período em que essa obra veio a público, a abordagem lingüística que vigia era a Estruturalista.

Levantamos três hipóteses para explicar a Introdução de Ribeiro; a primeira, é a de que o leitor espera que o autor lhe preste informação essencial para que ele mude, para melhor, sua própria redação; a segunda, é a de que esse leitor anseia libertar-se de qualquer dependência, em relação à escrita; a terceira, é a de que Ribeiro pressupõe despertar, no público, o interesse pelos Modelos apresentados e o de contribuir para a melhoria na escrita.

É possível notar, nesta Introdução, a preocupação com a norma padrão da língua, a ausência de contaminação por influências estrangeiras e a valorização dos clássicos da literatura brasileira. Com relação a aspectos coesivos, o autor se utiliza de palavras que eram usuais para a sua época e que, hoje, raramente, são encontradas. É o caso das palavras **dum**, junção da preposição **de** com o artigo indefinido **um**. Observa-se, na expressão **vária ordem**, que a real intenção do autor era a de dizer **diversas ordens**; e **labor**.

Ribeiro traz modelos de cartas para as diversas finalidades corporativas. Todos esses modelos, para o autor, ajudam os profissionais a escrever, de maneira simples, objetiva, elegante e correta, ainda que fora de qualquer teoria específica, sem excluir a rigorosa aplicação da gramática.

A obra de Álvaro Franco Ribeiro deixa de abordar algo tão importante quanto os pronomes de tratamento. Seu livro começa indicando as várias formas de se iniciar e terminar cartas comerciais, transmitindo noções de redação de correspondência comercial, memorandos e inúmeros modelos de cartas, de todos os tipos. Esses foram os principais aspectos que chamaram nossa atenção, nessa primeira obra analisada.

Resgatando os procedimentos de análise, a obra prima pela norma padrão da Língua Portuguesa. É nítida a manutenção de modelos utilizados naquela época. Nota-se a falta de citações de autoridades na área, bem como de referências bibliográficas. Não está explícito o propósito metodológico utilizado por Ribeiro.

Quinta obra: *Manual de Modelos de Cartas Comerciais*, de Manuela M. Rodriguez (1998). Em seu prefácio, da própria autora, ela assim se manifesta:

Quando comecei a trabalhar como secretária executiva, 20 anos atrás, já estava muito interessada em escrever cartas comerciais e na importância que representariam para o desenvolvimento das empresas para as quais trabalhava.

Naquela época, comecei a assistir aos primeiros congressos e palestras sobre a grande mudança ocorrida na redação comercial; então passei a sonhar em escrever um livro, direto e objetivo, que forneceria, a qualquer pessoa que lidasse com comunicação, explicações simples e fáceis.

O livro com o qual eu sonhava deveria ser claro, prático, um tipo de manual, devendo conter modelos de cartas e informações úteis para secretárias, gerentes de vendas, pessoal de RH, executivos, estudantes e todas as pessoas que “falam por meio do papel”.

Naquela época, comecei a escrever as primeiras apostilas para minhas palestras, mas percebi que necessitaria de anos de experiência e estudo para testar os resultados, bem como da acumulação de amplo material. Felizmente, durante todos esses anos tive o privilégio de conhecer grandes executivos, trabalhar em várias empresas, adquirindo conseqüentemente ampla visão da utilização da correspondência.

Grandes fontes de informação surgiram em meu caminho, de vários livros e pesquisas, de congressos e palestras de que participei, de pessoas que assistiram a minhas palestras. Por esse motivo, não me considero a única autora deste livro.

Este é um livro prático, que vai mostrar as grandes mudanças havidas na redação; nele você encontrará vários modelos de cartas comerciais, particulares e documentos jurídicos, para facilitar sua vida e ser seu novo aliado.

Apresento aqui modelos de métodos para o desenvolvimento da comunicação, entre pessoas, empresas e entidades; são sugestões tiradas de aulas práticas do comportamento humano; lições nascidas da experiência diária.

Lembre-se: a carta deve ser longa o suficiente para dar conta do recado. Uma carta longa demais pode cansar o leitor e, além disso, quanto mais se escreve, mais se erra.

Espero que os ensinamentos aqui inseridos possam trazer vantagens e melhores possibilidades de desempenho às funções de cada um, valorizando o cumprimento do dever.

Finalmente, muitos nomes que constam do livro são verdadeiros. São pessoas que de alguma maneira fazem ou fizeram parte de minha vida. A autora.

O livro é dividido em 14 capítulos, apresentando tópicos, como: cartas – memorandos – relatórios; guia prático para atualizar sua correspondência; modelos de cartas comerciais e particulares; telegramas, erros de linguagem e propaganda e publicidade. A obra apresenta também técnicas e mudanças para atualizar a redação, enfatizando o uso da boa gramática, da pontuação correta e da construção clara das frases, em toda correspondência. Apresenta, ainda, as mudanças ocorridas na redação, ao longo das últimas cinco décadas, técnicas de redação, com o objetivo de facilitar e estimular a criatividade daqueles que lidam com a comunicação escrita. Para Rodriguez, a carta deve conter o suficiente para dar conta do recado.

Em razão da proximidade do momento da pesquisa, com a década de noventa, não é tarefa difícil tratar desse recorte, pois há enorme quantidade de material de pesquisa sobre o período. O livro de Rodriguez vem a público quando a Abordagem Comunicativa está em pleno vigor. Ampliando um pouco mais essa abordagem, Savignon (1983) a classifica, em quatro grandes componentes:

1. **Competência gramatical:** trata-se do domínio do código lingüístico. É conhecer as regras lingüísticas internas da Gramática Normativa;
2. **Competência sociolingüística:** a propriedade de dominar o contexto social; conhecer e diferenciar os vários contextos em que se está inserido;
3. **Competência discursiva:** a capacidade de produzir discurso coerente e coeso e de se comunicar verbalmente e por escrito;
4. **Competência Estratégica:** estratégias que compensem a limitação de conhecimento do código lingüístico ou fatores que restringem seu uso (ruídos, distrações, pressão emocional etc.).

Essa abordagem define Língua como instrumento eficaz de comunicação, em determinado contexto social. A língua não é forma, mas sim mensagem inserida e determinada por uma situação. Inclui, também, práticas coerentes com os princípios que a embasam, quais sejam:

- Leva em conta estilos e estratégias de aprendizagem individuais e desenvolve um leque de formas de comunicação;
- Proporciona ao estudante oportunidades variadas de aprendizagem, por meio de tarefas que espelham a real situação da língua em que ele é agente e tem necessidade real e relevante de usá-la para atingir os objetivos;
- Desenvolve a autonomia e a capacidade de explorar inúmeros recursos.

É interessante notar que, nesta abordagem, a Gramática Normativa é trabalhada ao longo de toda uma unidade, um livro, ou um curso, e não mais como capítulo separado a ser trabalhado em aula especialmente dedicada a este fim. Em todas as tarefas, os aspectos da gramática de uma língua são considerados de maneira integrada com as intenções dos alunos, com o contexto e com a situação em que a comunicação está inserida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi o de verificar em que medida os Manuais de Correspondências Comerciais influenciaram e contribuíram para com os profissionais envolvidos na comunicação escrita, principalmente empresarial, no período compreendido entre 1950-2000. Os seguintes foram os objetivos específicos: **a)** apresentar as perspectivas teóricas, tanto da Historiografia Linguística, quanto da Comunicação Organizacional; **b)** apresentar os princípios metodológicos e os parâmetros de análise distintos para os aspectos externos e internos da pesquisa; **c)** descrever o momento político, social, econômico e ideológico do período recortado; **d)** reler e reconstruir os fatos, aos olhos do historiógrafo, a partir da análise das fontes primárias, objetivando o estudo interpretativo, crítico e analítico dos Manuais de Correspondências Comerciais; **e)** analisar em que medida essas alterações influenciaram o processo de comunicação escrita, principalmente, no âmbito corporativo; **f)** promover as aproximações necessárias, entre os dados colhidos e o modo como hoje são utilizados, objetivando verificar em que medida a Gramática Normativa serviu de parâmetro para a elaboração e implementação de Manuais de Correspondências Comerciais.

Revedo tais objetivos, podemos afirmar tê-los cumprido, uma vez que construímos o Quadro de Definição desses Manuais, nos diferentes contextos. No transcorrer desta pesquisa, estabelecemos o percurso historiográfico dos Manuais de Correspondências Comerciais, que só se efetivou na medida em que procuramos, em 5 (cinco) fontes primárias – uma de cada década: cinquenta, sessenta, setenta, oitenta e noventa - que tratam de orientar o profissional a escrever bem, de maneira clara, precisa e objetiva. Neste artigo, estão citadas somente duas fontes. Não só essas fontes primárias foram analisadas, como também algumas fontes secundárias, em cujas páginas buscamos, e encontramos, informações que nos ajudaram a referendar assuntos tratados nos Manuais de Correspondências Comerciais, fato que nos permitiu reconstruir e analisar esses documentos. Pesquisamos também três *Gramáticas Normativas da Língua Portuguesa*: Francisco da Silveira Bueno (1944); Carlos Henrique da Rocha Lima (1972) e Evanildo Bechara (1999), conhecidas e referendadas, pelo meio acadêmico. Toda essa gama de fontes selecionada entre tantas outras, levou-nos à ordenação, reconstrução e interpretação dos documentos em pauta.

Para que apresentássemos os resultados de maneira clara, procuramos uma forma de análise tão objetiva quanto possível e, para isso, analisamos cada fonte primária, a fim de detectar as convergências e divergências lingüísticas, em cada uma delas. É oportuno registrar que não conseguimos localizar, na pesquisa qualquer trabalho sistemático de levantamento e estudo dos primeiros Manuais de Correspondências Comerciais produzidos no Brasil.

Os dados analisados permitiram-nos notar que o padrão dos Manuais de Correspondências Comerciais ainda é o mesmo de 50 anos atrás, ou mais. A comunicação escrita atualmente nas empresas continua “escrava” da escrita comercial tradicional. Mantém, também, excessiva preocupação com gentilezas e cuidados desnecessários, com relação às tarefas, aos assuntos e aos leitores. Usa jargões, lugares-comuns e modismos, como se estivesse demonstrando alto grau de conhecimento do idioma ou de etiqueta.

Interessante notar que a partir da década de oitenta, as empresas começam a se modernizar, por meio da adoção de novos e múltiplos instrumentos de gestão. Mas os padrões de comunicação escrita que utilizam **permanecem intocados**, com poucas exceções, apesar de serem os responsáveis por disseminar a “modernidade” da qual as empresas e seus profissionais tanto se orgulham. A comunicação organizacional escrita ainda é praticada com inúmeras deficiências, tanto operacionais quanto de qualidade. Exemplificando: o excesso de minúcias, períodos muito longos, uso de jargões impróprios para o ambiente profissional, mas que se acredita serem capazes de revelar “intelectualidade” ou “erudição”; falta de lógica, de cuidado na revisão, gentilezas e mesuras desnecessárias, tratamento inadequado, palavras que não exprimem exatamente o que o comunicador deseja, afirmações sem o necessário respaldo de informação pertinente, excessivas redundâncias e “modismos”, entre outras.

Nossa tese leva-nos à conclusão de que essa situação não muda por falta de estudos e obras dedicados, especificamente, a essa área do conhecimento, indispensável para toda atividade administrativa, em qualquer tipo de empresa. Também, pelo aparente desprezo que os cursos superiores voltados para as áreas de administração, secretariado e correlatas, lhe dedicam. Talvez, a raiz da questão esteja na habitual confusão, entre comunicação e redação. Dizemos confusão já que se trata de atividades diferentes, tomadas sempre como única. Isso não é verdade, em se tratando de empresas. Redigir, não significa necessariamente comunicar. Tanto é verdade, que as empresas estão repletas de textos escritos, que

não comunicam. A essência, a nosso ver, está no uso do raciocínio. Somente ele resolve as questões relativas a comunicação. O idioma português apenas conduz a comunicação ao receptor, por meio da redação.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, M.C.F.C. *A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.

ALVES, M. *Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo*. São Paulo: Campus, 2003.

ANDRADE, B. de e GERENCER, P. *Técnicas comerciais*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

AMENDOLA, J. *Novíssimo Manual de Correspondência Comercial*. São Paulo: Trio, 1969.

BACK, E. e MATTOS, G. *Redação oficial e comercial*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1981.

BARNARD, C. *As funções do executivo*. São Paulo: Atlas, 1979.

BARROS, E. M. de. *Cartas Comerciais e Redação Oficial: técnicas e modelos*. São Paulo: Atlas, 1983.

BELTRÃO, O. e BELTRÃO, M. *Correspondência: Linguagem & Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2003, 23 ed.

BERTALANFFY, L. *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1977.

BLIKSTEIN, I. *Técnica de comunicação escrita*. São Paulo: Ática, 2005.

BOOTH, W.C. et al. *A arte da pesquisa*. Trad. Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BUSS, C. *Cooperação Interfuncional no Desenvolvimento de Novos Produtos: a interface entre Marketing-Engenharia*. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1997.

CHAVES JÚNIOR, E. B. *A redação oficial e seus modelos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

COSTA, C. B. da. *Manual Prático de Correspondência Comercial e Oficial (segundo as fórmulas em uso)*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1959.

DANTAS, J. M. de S. *Cursos Ted. Manual de Correspondência*. São Paulo: Organização Ted, 1965.

DINIZ, F. *Modelos de Cartas Comerciais, Cartas às Autoridades, Memorandos, Telegramas*. Rio de Janeiro: Liberato, 1987.

FRAILEY, L.E. *Manual Prático de Cartas Comerciais*. São Paulo, Borges William, 1978. Traduzido do original *Handbook of Business Letters*.

MARTINS, E. *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

RIBEIRO, A. F. *O correspondente comercial: 300 cartas e circulares comerciais abrangendo todos os assuntos de rotina dum escritório*. São Paulo: Anhangera, 1952.

RODRIGUEZ. M. M. *Manual de Modelos de Cartas Comerciais*. São Paulo: Atlas, 1998.

SANTOS, C.G. dos. *Português para executivos*. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

KOERNER, E. F. K. *Toward a Historiography of Linguistics – Selected essays*. Amsterdam: John Benjamins, 1976.

_____. *On the problem of influence in linguistic historiography*. I: AARSLEFF et al, p. 13-28, 1987.

_____. *Practing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. Series III. Studies in the history of the language sciences, 1989.

_____. *Questões que persistem em Historiografia Lingüística*. Trad. Cristina Altmann. Revista ANPOLL 2, p.45-70, 1996.

KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Título original: le langage, cet inconnu. Trad. Maria Margarida Barahona. Edições 70. Coleções Signos. Lisboa, 1969.

KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira et al. São Paulo: Perspectiva, 1962.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. *A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências Humanas*. Adaptação da obra: Lana Mara Siman. Minas Gerais: UFMG, 1997.

MARTINS, E. *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1990.

SWIGGERS, P. *La méthodologie de l'historiographie de la linguistique*. F.L. H. (4), p.55-79, 1983.